



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 2 | ABR-JUN 2020

UMA DÉCADA SEM JOSÉ ALCIDES PINTO: O ESCRITOR DE OBRA CALEIDOSCÓPICA



ONE DECADE WITHOUT JOSÉ ALCIDES PINTO: THE KALEIDOSCOPIC WORK WRITER

TAMIRES DA SILVA OLIVEIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 12/11/2019 ● APROVADO EM 19/03/2020

Abstract

José Alcides Pinto devoted more than fifty years to literary writing, produced a diverse and plural work from 1950 to 2008, but even to this day his writing is still strong in the literature of Ceará. For this reason, this work aims to make a simple, even a few, of these fifty years of writing, in order to draw a characteristic panorama of this author and to emphasize the quality of his writing. To that end, we are based on the studies of Paulo de Tarso Pardal (1999), Assis Brasil (1996), Lemos Monteiro (1979), Dimas Macedo (2001) and many other important critics who were interested in the JAP Work. This study is also a way of paying homage to José Alcides Pinto, for ever a decade, as a way of continuing to give voice to the fictionist and poet, so that his literature continues to have meaning and bear fruit.

Resumo

José Alcides Pinto se dedicou por mais de cinquenta anos à escrita literária e produziu uma obra diversa e plural de 1950 a 2008, mas até hoje sua escrita ainda se faz forte na literatura cearense. Por esse motivo, este trabalho tem por objetivo fazer um apanhado, ainda que de forma simples, desses cinquenta e oito anos de escrita, a fim de traçar um panorama característico desse autor e salientar a qualidade de sua escrita. Para isso, nos embasamos nos estudos de Paulo de Tarso Pardal (1999), Assis Brasil (1996), José Lemos Monteiro (1979), Dimas Macedo (2001) e muitos outros importantes críticos que se interessaram pela obra de JAP. Esse estudo é também uma forma de homenagear José Alcides Pinto, falecido há mais de uma década, como uma forma de continuar dando voz ao ficcionista e poeta, de forma que sua literatura continue significando e dando frutos.

Entradas para indexação

KEYWORDS: José Alcides Pinto. Literature. Kaleidoscopic work.

PALAVRAS-CHAVE: José Alcides Pinto. Literatura. Obra caleidoscópica.

José Alcides Pinto e o caleidoscópio de sua escrita

José Alcides Pinto (1923* – 2008†) foi um dos escritores mais prolíficos e importantes da literatura cearense, tendo estreado em 1950 na poesia com a **Antologia dos poetas da nova geração**. Sua inventividade literária também produziu romances, ensaios, crítica literária, novela, teatro, romance/manifesto e miscelâneas. Figura entre os poucos que se dedicaram integralmente ao ofício da escritura, como bem ressalta Nelly Novaes Coelho, JAP é o “escritor que está entre os raros que tiveram a ousadia (ou a loucura) de assumirem a literatura como destino, como vocação no seu sentido mais profundo [...]” (2001, p.7). O próprio autor afirma em entrevistas que não se tornou um escritor, pois já nasceu um.

Nascido na aldeia de São Francisco do Estreito (atualmente chamado de Parapuí), distrito de Santana do Acaraú no Ceará, passou a infância naquelas terras vivendo e guardando as memórias que se transformariam em literatura. Toda a obra de José Alcides Pinto constrói as imagens de um Ceará experimentado pela criança imaginativa e encantada pela sua terra.

Em entrevista concedida a Carlos Augusto Viana, José Alcides declara: “A ribeira do Acaraú, eu considero uma região mágica. Como eu tive muita vivência ali, e a infância é tudo para um homem, principalmente para um escritor, de lá trouxe todos esses elementos.” (MARTINS, 1996, p. 338, grifo nosso). O escritor transforma as suas primeiras experiências no mundo em material criativo para sua escrita, representa o “tudo” do homem e do escritor que se refugia em suas memórias. É

necessário dizer, no entanto, que todos esses elementos não fazem do texto alcidiano algo infantilizado, mas:

Uma recriação do ficcionista adulto sobre os fragmentos do real distante, que sobrevivem na memória enriquecidos pela imaginação literária e organizados em um enredo, mediante a palavra que lhes dá corpo, organicidade, vida. Não a vida real vivida, mas uma nova vida, pensada, interpretada, rearranjada e graças a essa organicidade ficcional, plena de significados. (JACOBY, 1999, p. 71).

A intensa valorização que Alcides Pinto faz de sua região permite que alguns críticos enquadrem o escritor como pertencente à estética regionalista, mas não podemos considerar como característica única da sua literatura, porque a escrita alcidiana extrapola o dito “regional”. O próprio autor não aponta essa característica em suas obras, e chega a afirmar em entrevista ao jornal *O Povo* (1982) que suas obras da *Trilogia da Maldição* são de tipo regional, mas um regional “transfigurado”.

Márcio Catunda no artigo “José Alcides Pinto: Demônio iluminado”, componente do primeiro volume do livro **Na Trilha dos Eleitos**, comenta o regionalismo alcidiano da seguinte forma:

Quanto à influência da cultura regional em sua literatura, Alcides declara que a fidelidade às raízes e à paisagem cearense é a referência pela qual exprime a universalidade em sua obra. A fauna, a flora e a paisagem cearense estão presentes de forma marcante em sua poesia e em sua ficção. A infância é o fator preponderante na formação do indivíduo. Em qualquer país, época ou regime social, a infância é a matéria prima de qualquer escritor. (CATUNDA, 1999, p. 62-63).

A transfiguração do regionalismo alcidiano acontece porque o autor transforma os limites dessa característica territorial em algo plural e amplo, ou seja, ele parte do particular para aspirar ao universal. Dessa forma, o microcosmo alcidiano funciona como um espelho que reflete a imagem de qualquer outra comunidade, buscando ir além da problemática do espaço.

José Alcides Pinto não pretende realizar uma obra literária que esgote seu arsenal interpretativo, analisada unicamente dentro do tema do regionalismo. A sua obra é múltipla, aponta para várias direções, a sua escrita traz marcas de muitas estéticas (regionalista, naturalista, realista, simbolista, surrealista, etc) sem se fixar em nenhuma, sua obra é sempre vanguardista e experimentalista.

O autor cearense procurou construir uma obra de diversas camadas, todas elas importantes para a discussão literária e para a sociedade em que se inseriu. Por esse motivo, afirmamos que sua obra é caleidoscópica, uma vez que as combinações de sua escrita fornecem um número diverso de imagens e temáticas em cada obra que produziu. A obra de José Alcides Pinto traz “a palavra pensada e medida, o sopro

novo da inventividade, a autenticidade que acompanha as nascentes da sua escritura, entre outros atributos [...]” (MACEDO, 2001, p. 48). Em outras palavras, Alcides Pinto tem aquilo que Edgar Allan Poe chamou de “singular”, para ele ser singular é a mesma coisa que ser original “[...] e não existe virtude literária superior à originalidade.” (1987, p. 173).

Os mais de 60 títulos produzidos da mais pura originalidade literária, durante 58 anos de intensa produção, reúnem diversos temas, habitantes do mesmo universo ficcional. Para José Lemos Monteiro (1979) a obra de JAP contém as mesmas matizes temáticas, pois resulta “[...] do jogo de três motivos implicantes: o sexo, a loucura e a morte” (p.8). Essa insistência temática lhe rendeu a alcunha de “o poeta maldito” e cada um desses temas atrelados à ideia de sagrado e profano compõem a face da literatura alcidiana.

De 1950 a 2008: as cinco décadas de literatura alcidiana.

Em 1950, década em que estreia como escritor profissional, José Alcides publica seis livros. O primeiro, como organizador, foi a *Antologia dos poetas da nova geração* (1950). Participou ainda de mais uma antologia: *A moderna poesia brasileira* em 1951, como organizador e colaborador, apresentando alguns de seus poemas. Somente com o livro *Noções de poesia e arte*, estreia sozinho à frente de seu projeto literário em 1952, e já registra a força da sua inventividade nesse primeiro livro, trazendo alguns temas que permaneceriam até seus últimos escritos: a alucinação, o amor pela arte e o sentimento de morte. Sobre essa estreia diz Sergio Milliet, ensaísta e crítico literário: “O sr. Alcides Pinto, que publica uma pequena coletânea de poemas sob o título de *Noções de Poesia e Arte*, é certamente um poeta autêntico.” (Apud., BRASIL, 1996, p. 138). Observemos esse trecho de um dos poemas:

Evito-te tristonho de amarguras
para pensar em ti eu me reservo
mesmo assim reservado inda me firo.
Eu somente, eu somente, em ti padeço
em tristezas e lembranças me magô
de sal meu corpo se reveste. Lírios
despetalo em lágrimas no teu túmulo. (PINTO, 2006, p. 20).

Em 1953, **O Pequeno Caderno de Palavras** traz um eu lírico que constantemente afirma a sua identidade e seu estado de ser: “Eu sou o inseto que sonha em parir um mundo claro” (PINTO, 1966, p. 37). Esse pequeno caderno é composto de doze poemas e cada um deles parece ter uma grande necessidade de chocar o leitor, uma necessidade de dizer o indizível.

É no meio-dia alto que o poeta se inventa e descobre que é necessário lutar, construir, modelar um abrigo, cavar um buraco, como um pássaro, atacar como um tigre, rugir, marcar um pulo, acertar um objetivo.

No meio-dia incendiado o poeta se revela um monstro capaz de destruir Deus, se o encontrasse plantando árvores. (PINTO, 1966, p, 45).

A mesma sensação é perceptível no eu lírico do poema longo **As Pontes** (1955), nele perpassa um tom de angústia bem mais acentuado, imprimindo em seus versos a marcante imagem do humano transpassado por questões sociais, emocionais e sentimentais, que são as pontes metafóricas que o escritor inventa. Logo no primeiro verso nos deparamos com a impossibilidade de fugir a qualquer uma dessas questões: “Mas nós nunca saímos destas pontes”, notamos que para o eu lírico o homem está sempre em trânsito sobre aquilo que une duas margens.

Destas pontes nasce o rio
que cresce a fim de que
as pontes cresçam com ele
para o inferno – doce arcanjo
desta era, deste tempo
de fogo, de muito fogo. (PINTO, 2003, p. 62-63).

A forma que o poema é construído faz com que Ivan Junqueira o classifique como “magistral” e a escolha do léxico leva o leitor a perceber que há uma espécie de movimento no poema, como se ele estivesse vivo, a ponto de representar o próprio homem e sua realidade cercada de angústia. Em *As Pontes* já notamos a preocupação do autor em denunciar as mazelas sociais ao caracterizar a realidade que presenciou como fogo: “[...] deste tempo de fogo, de muito fogo”.

Em 1956 José Alcides publica **Concreto: estrutura-visual-gráfica**, fundando no Ceará a estética do concretismo, totalmente corajoso e vanguardista, instaurando uma nova forma do fazer literário. Junto com Antônio Girão Barroso encabeça o movimento concretista nas artes do Ceará.

Na década seguinte são lançados, na sua poesia, os livros: **Ilha dos patrupachas** e **Ciclo único** em 1964, **Cenas** em 1965, **Cantos de Lúcifer** e **Os catadores de Siri** em 1966. As publicações do ano de 1966 ganham grande destaque, a primeira por trazer versos de pura alucinação nos quais o eu lírico passa de uma total entrega ao diabo para a presença do divino, conquistando a salvação de sua alma.

Estes cantos se assemelham à estruturação da *Divina Comédia* de Dante, na qual o personagem principal caminha pelo inferno e purgatório até poder tomar seu lugar na Rosa dos Beatos, ao chegar ao paraíso (DANTE, 2009, p. 709). O texto alcidiano se aproxima do dantesco com o acréscimo do clima alucinante: “A beleza! A beleza das águas escuras, das crianças mortas. Passear a borda do mar, até a

velhice e a morte, é o que nos reservam os mágicos da dor. Lúcifer, eis teu filho, traspassa-o.” (PINTO, 2003, p. 39).

Os Catadores de Siri faz uma denúncia sobre a condição precária dos pobres de Recife. Neste livro o autor descortina os sofrimentos do povo que sobrevive dos mangues recifenses e coloca o dedo da ferida social até jorrar o sangue da desigualdade. Acompanhem alguns versos: “Quem não tem o direito de viver/ nesta Pátria, / cava a lama dos mangues do Recife/ como eu cavo:/ as crianças.” (PINTO, 2003, p.86). E o eu lírico indignado com tanta miséria continua: “A vida nessa obscuridade, nessa porosidade,/ é um osso duro de roer, Sr. Presidente.” (Idem., p. 87).

Nessa segunda década de escrita, JAP estreia na ficção com o romance *O Dragão* (1964), considerado uma das suas principais obras, por ser o primeiro livro que compõe a *Trilogia da Maldição*, concluída somente em 1974. Posteriormente publica também os romances **Entre o Sexo: a loucura/a morte** e **Estação da Morte** (ambos de 1968) e a novela **O Criador de Demônios** em 1967. Todos aclamados pela crítica como ficção de excelente qualidade, conforme reforçado pela opinião de João Clímaco Bezerra: “José Alcides Pinto é mais um desses milagres que acontecem no país dos nordestinos. É uma vigorosa vocação de ficcionista, um poeta de indiscutível sensibilidade.” (1967, p. 9).

O Dragão é prestigiado por se encaixar na estética regionalista, pelo menos aparentemente, porque o regionalismo de JAP é - como o próprio autor afirma - “transfigurado”. O regional alcidiano não faz um retrato histórico da situação do sertanejo, antes oferece uma deformação do homem e da terra para fundar um aspecto sobrenatural no seu texto, o sobrenatural vinculado ao absurdo. Para Fausto Cunha: “Algumas páginas deste romance são verdadeiramente extraordinária como linguagem.” (1964, p. 12). Muitos trechos do romance são comparáveis a versos ou poemas inteiros, como é o caso do parágrafo seguinte:

De súbito, fugiu a luz do céu e caiu a escuridão intempestiva. Desapareceu o calor e uma espada de fogo rachou o firmamento ao meio. [...] Choveu três dias seguidos, estiando por curtos intervalos. Depois, o céu, como outrora, surgiu sereno, azulado, como uma barca côncova, tranquila, ancorada no infinito. (PINTO, 1964, p. 91).

A linguagem dos seus romances impactou parte da crítica especializada, uns consideram a sua forma de escrever como algo próxima da oralidade, demonstrando a inexperiência do poeta recém-romancista; outros a atribuem à personalidade forte do escritor que tenciona fazer de cada texto um veículo poderoso de comunicação.

Os diversos textos compostos por Alcides Pinto carregam a autenticidade de uma literatura sem protocolos, pois tanto a sua poesia como a ficção têm “[...] uma extraordinária liberdade formal e conteudística de quem muito viu, viveu e escreveu.” (ESPÍNOLA, 2006, p. 402).

A mesma liberdade formal também impressiona no romance **Entre o Sexo: a loucura/a morte**. Neste romance há um grupo de pessoas internadas numa clínica de repouso, compartilhando o mesmo ambiente de loucura e alucinação, numa realidade totalmente despregada da lógica e, por alguns instantes, temos a impressão de que essa loucura se apodera também do texto. A personagem principal é Mausie, uma das internas, por meio da qual o autor insere o erotismo na obra. O narrador defende a divinização do sexo através da loucura de Mausie, o ato por mais devasso que seja se configura como sagrado porque “[...] por trás da palavra loucura se esconde a palavra transcendência.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 560).

O mesmo ambiente se repete na novela **O Criador de Demônios**, desenvolvida no fluxo de consciência de um dos personagens. Todas as informações a que o leitor tem acesso são fornecidas por um narrador-personagem louco, de modo que não se pode ter certeza da veracidade das situações.

Na clínica de repouso acompanhamos os devaneios do personagem principal: “Procuro um canto para esquecer. Morrer. A inconsciência me apavora. Ser perfeito. Mente sã. Eu, única testemunha. Sobrevivente desta raça de idiotas. Demônios. Bichos doentes. Dormentes. Trancados em seus movimentos.” (PINTO, 1967, p. 41). Podemos perceber a confusão do narrador pelas suas afirmações curtas, mas carregadas de extenso significado, que exigem a reflexão do leitor. É nesse terreno que a narrativa se desenrola.

Sobre esta novela, diz Dimas Macedo: “**O Criador de Demônios** (1967), tratando-se, no caso, de espaços literários plurais e recortados, não apenas pelos arquétipos humanos reprimidos, mas também e fundamentalmente pelos delírios luciféricos e alucinatórios.” (apud PINTO, 2003, p.15). A atmosfera alucinatória perpassa a narrativa de modo a provocar no leitor uma constante dúvida sobre a veracidade dos fatos.

Na década de 1970, são publicados quatro livros de poemas (**As Águas Novas** de 1975, **Silêncio Branco** de 1978, **Os Amantes e O Acaraú: Biografia do Rio**, ambos de 1979). Toda a poesia produzida nessa época foi muito importante para a obra do autor. **As Águas Novas** traz uma expressão nova, carregada de poemas concretistas:

Nessa
forma

fôrma

Espremo a poe

Sai

Nesse arco

aro

quadro
inventado (PINTO, 1975, p. 13).

O poema reflete a preocupação do eu lírico com o fazer literário, algo que se reflete nos demais poemas do livro, pois há sempre um verso sobre a construção e o desenvolvimento da poesia, nos quais há uma constante afirmação: “Faço do poema o que quero”.

Logo depois é publicado *Silêncio Branco*. Mais um livro de poesia que reúne todo o negativismo que ronda a temática da morte. O eu lírico repete constantemente a iminência de sua morte, de seu desaparecimento físico; os poemas trazem imagens de túmulos, cadáveres, acidentes.

Nesse livro há alguns poucos poemas que fogem dessa temática, refletindo apenas uma preocupação ou observação da vida cotidiana, como no poema “A moça que faz tricô”: “Seus dedos morenos são ágeis e finos/desenrolando a linha doméstica da meada/que se enreda o fio de Ariadne/no movimento ondulante de suas mãos.” (PINTO, 1978, p. 29). Mesmo uma cena cotidiana aparece revestida de significado, onde os fios do tricô são transformados no fio de Ariadne e ganham outra significação.

O Acaraú: Biografia do rio, muito elogiado na época de seu lançamento, foi coroado como um dos melhores trabalhos do escritor por promover a personificação do Rio Acaraú e escrever uma biografia complexa para o rio ao mesmo tempo em que põe o dedo na ferida do Ceará: a pobreza e miséria do seu povo.

O rio começa
Onde as águas não nascem
Como a estrada se abre
Pelos pés que consomem
O caminho e os espinhos. (PINTO, 2003, p. 105).

Nesse período os romances publicados são quatro: **O Enigma**, **O Sonho**, **Os Verdes Abutres da Colina** e **João Pinto de Maria: Biografia de um louco**, todos de 1974. Além disso, publica um livro de ensaios intitulado de **Comunicação: ingredientes-repercussão** (1976) para suas aulas no curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará, onde lecionou e coordenou o curso.

Esses romances completam as duas trilogias do autor: **Tempo dos Mortos** com **O Enigma** e **O Sonho**, e a **Trilogia da Maldição** com **Os Verdes Abutres da Colina** e **João Pinto de Maria**. A *Trilogia da Maldição* foi recebida pela crítica como obra prima dentre os escritos alcidianos, pois congrega todas as temáticas

desenvolvidas pelo autor em toda sua trajetória literária, totalmente permeada pelo sobrenatural, “[...] onde Deus e seu contrário se iludem numa briga sem fim em um espaço de loucura e alucinação, transformando o mundo num caleidoscópio quebrado e a vida humana num teatro de fantoches.” (MARQUES, 2003, p. 364).

A década de oitenta foi bastante fértil para a poesia do escritor, foram nove livros lançados (1981: **Oráculo de Delfos** ou **As Vinhas Amargas do Silêncio** em parceria com o escritor Arthur Eduardo Benevides; 1982: **Ordem e Desordem e 20 sonetos de amor romântico**; 1984: **Relicário Pornô, Antologia Poética e Guerreiros da Fome**; 1986: **Fúria e Águas Premonitórias**; 1987: **Nascimento de Brasília: a saga do planalto**), mais os romances **O Amolador de Punhais** (1987) e **Senhora Maria Hermínia: Morte e Vida Agoniada** (1988), os dois volumes de **Política da Arte** e a **Miscelânea Reflexões – terror – sobrenatural** em 1984.

A crítica social salta nos novos escritos, denunciando um Ceará de pobreza e descaso da forma mais aguda possível, como podemos notar nesse trecho de *Fúria*:

Ceará: tua pobreza tão conhecida do vento
tão vizinha da ave do pomar
[...]
Painéis vazias, emborcadas, pratos sonolentos
e a dor de existir entre eles como um inseto de perna quebrada.
Tua pobreza de pés descalços, sem vestido; tua pobreza ordinária.
(PINTO, 2003, p. 181).

A denúncia também está presente em **Ordem e Desordem**: “Canto a pobreza da minha terra/ não do meu país”, e nos demais livros da mesma época. Apenas **Águas Premonitórias** foge um pouco a essas características porque resgata um espírito melancólico, de saudade, focado em uma temática temporal.

O **Relicário Pornô** traz mais uma vez o erotismo ao texto alcidiano. O tema já aparecia em sua obra de forma marcante, tanto nos poemas como nos romances, mas com este relicário Alcides Pinto retira o véu do falso puritanismo e coloca o sexo como eixo modificador da vida humana.

Na literatura alcidiana o erotismo promove um constante embate entre as esferas do sagrado e do profano, núcleos que se implicam mutuamente. O impulso erótico resulta em consequências negativas para seus personagens, pois na escrita do autor o desejo sexual e a sua concretização estão vinculados ao absurdo, ao desencadeamento de maldições. O sexo, nas obras, é uma pulsão de vida, mas, sobretudo de morte, pois, como bem diz Nelly Novaes Coelho (2006):

O amor e a morte são essencialmente correlatos, em sua poesia e ficção, à medida que o primeiro é uma situação-limite que afirma a Vida e pode anular a ação destruidora da segunda. O êxtase amoroso e sua consequência natural, a procriação, recuperam o tempo mítico - o tempo que supera a Morte [...]. (p. 444).

A década de noventa também é muito importante para a literatura alcidiana. Publica na poesia: **O Sol Nasce no Acre** (1992), **Poeta Fui (Ora direis)** e **Diário da Sabedoria** (1993), **Os Cantos Tristes da Morte** (1993) e **Terno de Poesia** (1995). Os novos romances são: **Manifesto Traído** (1998) e a **Trilogia da Maldição** (1999). Além disso, organiza a miscelânea **Fúrias do Oráculo** com a parceria de Floriano Martins, publicada em 1996. Por fim, em 1999, publica ainda o livro de contos **O Editor de Insônia** e a peça de teatro **Equinócio**.

O crítico e ensaísta Juarez Leitão escreve as seguintes palavras sobre o livro de poesia **O Sol nasce no Acre**:

Pois bem, meus amigos: O livro de José Alcides Pinto, “O SOL NASCE NO ACRE”, é uma dessas criações inquestionavelmente necessárias. Necessária para o momento de perplexidade, do espanto mudo do país, da urtiga da corrupção, das promessas sem cor e sem crédito, da insolência impune dos homens sem alma. (*apud* PINTO, 1993, p. 11).

A poesia de José Alcides Pinto sempre está comprometida, assim como todos os seus escritos, com o lirismo da arte e a denúncia necessária sobre os desajustes sociais e as desigualdades criadas por políticas que não privilegiam o homem comum em sua pequenez.

Podemos notar que, no decorrer dessas cinco décadas de escrita, José Alcides Pinto caminha à vontade pelo campo da poesia, ficção e teatro, além de demonstrar sua inquietude criativa nas miscelâneas das quais participou. Nesta década sua poesia continua carregada do sentimento de melancolia e de morte, do lirismo e da força imagética em cada verso. Em **Poeta Fui (Ora direis)** temos a demonstração disso, nos versos de “O Poema como quero”:

Faço o poema como quero.
O poema sem palavras.
Embora fruto maduro, suco e essência mineral.
O poema bruto, escuro, da cor do negro.
Da casca suja do corpo.
O poema carrego no peito fechado
Como a bala assassina o ventre. (PINTO, 1993, p. 55).

N’**Os Cantos Tristes da morte** há um pouco da saga do homem nordestino enfrentando a ira da natureza de quem é vítima constante. Nestes poemas há uma ênfase constante na seca e em todo sofrimento que a estiagem suscita no sertanejo: a fome e o desespero de ser fraco e padecer infortúnios diversos, sentindo-se abandonado por Deus e pelos governantes. Observemos o trecho seguinte:

O homem do Nordeste em seus limites de fome se esbate
Sob este sol que racha os beiços, sob este céu se distancia
E posta-se, imóvel, a olhar a família

(o que resta da família)
 O que resta da casa, do rio, da paisagem
 E sem esperança faz a conta de seus dias: um a mais ou a menos
 Aos ratos empestados e diligentes pouco importa. (PINTO, 1993, p. 32).

Saindo do campo da poesia e entrando na ficção produzida na década de 90, temos o lançamento do único livro de contos do autor. *O Editor de Insônia* é repleto de contos construídos dentro de uma atmosfera fantástica, na qual o mundo natural se mistura ao sobrenatural provocando situações absurdas em que o delírio é personagem principal. Em equinócio temos, à semelhança do *Fausto* de Goethe, um demônio humanizado e civilizado, convivendo de forma harmoniosa com Deus e os homens.

Na sua ficção o clima de revolta se faz presente em *Manifesto Traído*, no qual acompanhamos uma espécie de autobiografia do autor, mas não sabemos onde termina a realidade e começa a ficção. O estilo da sua escrita é confessional, purgatória de um personagem que passa por muitos infortúnios. O livro é dividido em três partes: *A Prisão*, *As Memórias* e *Minhas Misérias*. Vejamos um trecho: “a vida continuaria a exhibir ante meus olhos a marca das feridas abertas no passado: a solidão no cárcere, as humilhações no colégio, minhas misérias que me acompanhavam para onde quer que fosse [...]” (PINTO, 1998, p. 105).

A Trilogia da Maldição ganha imenso destaque, por causa dos já conhecidos **O Dragão, Os Verdes Abutres da Colina** e **João Pinto de Maria: Biografia de um louco**. As três obras são ambientadas no mesmo espaço onde o sobrenatural habita, com a particularidade de revelar um Ceará e um cearense atormentado pela seca, pela loucura e pelo castigo de seus próprios pecados, por isso a maldição dá a tônica dessa trilogia.

Nestes livros, o homem é confrontado com os dualismos bem/mal, sagrado/profano, pecado/gracia. Os personagens são representantes de cada dualidade e um dos exemplos mais fortes é o personagem principal do terceiro romance da trilogia:

[...] João Pinto de Maria, soldado destemido como Napoleão, um gigante como Adamastor, um ser endemoninhado, batendo no peito com mão aberta, com todas as suas forças, pedindo perdão a Deus de seus pecados, dos pecados de ser justo e não dar a igreja, ajoelhado sobre o chapéu-de-palha, na calçada da igreja, assistindo à missa aos domingos, as calças remendadas nos fundos, como a dos mendigos (PINTO, 1999, p. 297).

Esta trilogia foi uma das obras do autor mais analisadas pelos críticos e ensaístas literários, em contraponto à trilogia *Tempo dos Mortos*, que versa sobre os mesmos temas, mas sem a conotação fantástica da primeira e que não gerou muitos trabalhos ao seu respeito, apesar de ter uma escrita bem arquitetada e travar um debate sobre a condição moral do ser humano em determinadas situações vividas.

No trecho seguinte podemos observar as questões que tratamos acima: “O monstro impõe sua força – sólida estrutura de aço e cimento. O tórax excede a sapata. Avança para o concreto das ruas. Deformado, seu nariz lembra o de um leproso – algo vertiginoso que suplanta o terror.” (PINTO, 2007, p.10). O monstro retratado na citação pode ser uma metáfora para o mal que habita no interior do homem e que transcende para as relações sociais, na vida diária.

Nos anos 2000, são publicados os dois volumes dos **Poemas Escolhidos do autor** (em 2003 e 2006, respectivamente), além do livro **As Tágides**, de 2001. Na ficção, temos a *Trilogia Tempo dos Mortos* em volume único (2005). Esses romances também trazem traços autobiográficos, entranhados de erotismo. Em 2006, José Alcides Pinto lança um pequeno livro de aforismos e pensamentos intitulado **O Diário da Sabedoria**, repleto de reflexões sobre Deus, amor e morte, retratando as inseguranças e medos do homem moderno perante temáticas tão controversas.

As Tágides é mais um livro de poesias que surge com a presença marcante da morte e características premonitórias, fato que pode ser observado no poema “Desastre às 13h 30 min”, nele o eu lírico pede que a desgraça o acompanhe:

O menino jaz atropelado:
 Nossa senhora salve o menino!
 Deixa que eu morra em seu lugar.
 Deixa que eu morra por ti, menino.
 Deixa que eu morra atropelado.
 Nossa senhora salve o menino. (PINTO, 2001, p. 55).

Este poema aparece pela primeira vez em **Silêncio Branco** (1978). O livro também é carregado de tom premonitório de morte, como mostra o poema “Premonição”:

À sombra do silêncio dos anjos
 Construo meu jazigo sem luz
 Onde repousarei de minhas fadigas diurnas.
 Esqueço-me. E esqueço o mundo.
 Meus pecados ficam mais leves no recolhimento. (PINTO, 1998, p. 63).

Essa premonição com relação à morte se concretiza na realidade do autor em 2008. Neste ano o escritor José Alcides Pinto morre, vítima de um atropelamento na cidade de Fortaleza, a alguns metros de distância da sua residência. Sua morte violenta e rápida foi recebida com grande susto nas letras cearense e brasileira, pois sempre foi muito querido pelos amigos e leitores de sua obra.

O escritor falece em 2008 com o lançamento pendente daqueles que seriam seus últimos livros de poesia: **O Diário de Berenice e O algodão de teus seios morenos**, livros que reforçam o lirismo de sua poesia associada à veia erótica que povoou todos os seus escritos. Estes dois últimos títulos foram lançados postumamente no mesmo ano da finitude física do autor.

Considerações Finais

Este breve trabalho objetivou traçar um panorama característico da literatura de José Alcides Pinto. Depois de 10 anos de ausência, sua obra recomeça a ser estudada nos cursos de graduação e pós-graduação de Letras, no Ceará. Mas, ao que parece, pouco ainda é feito, pois o acesso às suas obras ficou mais escasso com o passar do tempo e são poucos os cearenses, desvinculados da academia, que conhecem essa personalidade e sua obra tão vasta e plural.

A redescoberta desse autor cearense é bastante necessária nos nossos dias porque sua escrita é sempre atual, ela se encaixa nas urgências de nosso tempo: a denúncia das desigualdades, a defesa do puro e do impuro como nuances do belo, o sexo sem tabus, o erotismo poético, a necessidade de alucinar o real e de transfigurar as situações nunca esteve tão presente como no discurso contemporâneo.

André Seffrin (2003) não vacila ao dizer que José Alcides Pinto “é um clássico do nosso tempo, e se o Brasil não o conhece é porque desconhece a si próprio” (p.307). Por isso os estudos sobre o autor se fazem cada vez mais necessários, pois traduzem a identidade do Ceará e do cearense de forma marcante e forte.

A escritura de José Alcides Pinto, como vimos, é um manancial de possibilidades interpretativas e seus temas conversam com muitos aspectos da natureza humana. Nesses dez anos queremos celebrar a vida e a obra, extensa e caleidoscópica, desse grande escritor brasileiro. Temos o forte desejo de contribuir para que a literatura alcidiana continue sobrevivendo por todos os anos que vierem.

Referências

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Trad., comentários e notas de Ítalo Eugenio Mauro; prefácio de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Editora 34, p. 2009.

BRASIL, Assis. **A Poesia Cearense no Século XX**: (antologia). Organização, introdução e notas de Assis Brasil. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

BEZERRA, João Clímaco. Convite, quase prefácio. In.: PINTO, José Alcides. **O Criador de Demônios**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1967.

CATUNDA, Márcio. **Na Trilha dos Eleitos**. V.1. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **Erotismo – Maldição – Misticismo em José Alcides Pinto**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2001.

CHEVALIER, Jean; GUEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras. Cores, números)**. 28ªed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2015.

CUNHA, Fausto. Prefácio astuto para leitores maliciosos. In.: PINTO, José Alcides. **O Dragão**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Cruzeiro, 1964.

ESPÍNOLA, Adriano. Poeta Fui (Ora Direis). In.: PINTO, José Alcides. **Poemas Escolhidos V. II**. São Paulo: Editora GRD, 2006, p. 401-401.

JACOBY, Sissa. **Autobiografia e Ficção: memórias, fingimentos e verdades em Camilo José Cela**. Porto Alegre, PUCRS, 1999. (Tese de doutorado).

MACEDO, Dimas. **Crítica Imperfeita**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2001.

_____. A Obra Literária de José Alcides Pinto. In.: **Poemas Escolhidos**. Rio de Janeiro: Editora GRD, 2003, p. 13-27.

MONTEIRO, José Lemos. **O Universo mi(s)tico de José Alcides Pinto**. Fortaleza, 1979.

MARQUES, Rodrigo. Tágides do Acaraú. In.; **Poemas Escolhidos**. Rio de Janeiro: Editora GRD, 2003, p. 364-367.

PINTO, José Alcides. **Cantos de Lúcifer**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966.

_____. O Pequeno Caderno de Palavras. In.: **Cantos de Lúcifer**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966.

_____. **O Criador de Demônios**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1967.

_____. **Silêncio Branco**. Fortaleza: Livraria Gabriel Editora, 1978.

_____. **Ordem e Desordem**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

_____. **Manifesto Traído**. Fortaleza: Forgel, 1998.

_____. **Trilogia da Maldição: O Dragão – Os Verdes Abutres da Colina – João Pinto de Maria:** Biografia de um louco. Rio de Janeiro: Topbooks editora, 1999.

_____. **As Tágides.** São Paulo: Edições GRD, 2001.

_____. Noções de Poesia & Arte. In.: PINTO, José Alcides. **Poemas Escolhidos V.II.** São Paulo: Editora GRD, 2006, p. 17-59.

_____. Cantos de Lúcifer. In.: PINTO, J. A.. **Poemas Escolhidos.** Rio de Janeiro: Editora GRD, 2003. p. 37-58.

_____. Os catadores de Siri. In. PINTO, J.A. **Poemas Escolhidos.** Rio de Janeiro: Editora GRD, 2003, p. 83-130.

_____. Fúria. In.: PINTO, J. A. **Poemas Escolhidos.** Rio de Janeiro: Editora GRD, 2003, p. 163-205.

_____. As Pontes. In. PINTO, J.A. **Poemas Escolhidos.** Rio de Janeiro: Editora GRD, 2003, p. 83-130.

_____. **Tempo dos Mortos:** Estação da morte – O enigma – O sonho. Rio de Janeiro: Topbooks editora, 2007.

POE, Edgar Allan. **Poemas e Ensaios.** 2º ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

SEFFRIN, André. Um romancista a ser redescoberto. In.: PINTO, José Alcides. **Poemas Escolhidos.** Rio de Janeiro: Editora GRD, 2003, p. 305-307.

Para citar este artigo

OLIVEIRA, T. da S. Uma década sem José Alcides Pinto: o escritor de obra caleidoscópica. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 2., 2020, p. 152-167.

A Autora

Tamires da Silva Oliveira é mestranda em Literatura Comparada pelo PPGL da Universidade Federal Ceará. Desenvolve pesquisa sobre a obra do escritor cearense José Alcides Pinto.